

# **Cidades, espaços e produção de saúde: Vivências na dimensão psicossocial**

*Cities, spaces and health production:  
Experiences in the psychosocial dimension*

**Zulmira Aurea Cruz Bomfim<sup>1</sup>,  
Ligia Cristina Azevedo Souza<sup>2</sup>**

**1.** Psicóloga, Doutora em Psicologia Social(PUC-SP), Professora do PPGP(UFC) e coordenadora do Laboratório de pesquisa em Psicologia ambiental-LOCUS. [zulaurea@gmail.com](mailto:zulaurea@gmail.com)

**2.** Psicóloga Clínica e Mestre em Psicologia (UFC), integra o Núcleo de Desenvolvimento Humano da Secretaria de Desenvolvimento Social e Juventude da Prefeitura Municipal de Mossoró (RN). [ligiacasouza@gmail.com](mailto:ligiacasouza@gmail.com)

**Resumo:** O objetivo deste artigo é trazer uma reflexão sobre a inter-relação entre cidade e afetividade na perspectiva psicossocial e histórico cultural para a compreensão da promoção da saúde a partir de três dimensões: a construção de significados, a sustentabilidade e o sofrimento psíquico. O ambiente como construção sócio física, cultural e temporal na psicologia ambiental e na psicologia social vai além do ambiente como pano de fundo. Este não é somente aquilo que circunda o indivíduo, mas aquele que traz impressões em sua subjetividade, que pode impactar em sociedades mais saudáveis, vivas e abertas, ou ao contrário gerar sofrimento psíquico. A pesquisa articula as dimensões supracitadas elegendo a categoria afetividade como observação, intervenção e análise pelo método dos mapas afetivos. Apresentaremos resultados de pesquisas desenvolvidas no laboratório de pesquisa em psicologia ambiental (LOCUS-UFC) que apontam indicadores afetivos de processos de produção de

saúde em ambiente urbano a partir da percepção de seus habitantes, avaliando afetos que potencializam e ou que despotencializam a ação destes na cidade.

**Palavras-chave:** Afetividade, sustentabilidade; bem-estar subjetivo; sofrimento psíquico.

**Abstract:** The purpose of this article is to bring a reflection on the interrelationship between city and affectivity in the psychosocial and cultural historical perspective for the understanding of health promotion from three dimensions: the construction of meanings, sustainability and psychic suffering. The environment as a socio-physical, cultural and temporal construction in environmental psychology and social psychology goes beyond the environment as a background. This is not only what surrounds the individual, but the one who impresses on his subjectivity, which can impact on healthier, livelier and more open societies, or on the contrary generate psychic suffering. The research articulates the abovementioned dimensions by choosing the affectivity category as observation, intervention and analysis by the method of affective maps. We will present results of research developed in the research laboratory in environmental psychology (LOCUS-UFC) that show affective indicators of health production processes in urban environment based on the perception of its inhabitants, evaluating affections that potentiate and / or that depotentialize their action in the City.

**Keywords:** Affectivity, Sustainability; subjective well-being; psychic suffering.

## Introdução

Como primeiro tema gerador, pergunta-se: qual o sentido de viver na cidade? Que aspectos promovem o bem-estar subjetivo no urbano? Como os espaços da cidade podem promover a saúde? Ítalo Calvino (CALVINO, 2000), em seu livro *Cidades Invisíveis*, fala que a cidade pode ser considerada um lugar de muitas coisas: memórias, desejos e signos de linguagem. São lugares de trocas, que nascem a partir das trocas mercantis, mas que também evocam as trocas de palavras, desejos e recordações. Esta reflexão de Calvino nos mostra que a cidade não é só uma estrutura física que em um momento da História do homem foi o palco do solo fértil para economia, trabalho e significou a

liberdade e a cultura. A cidade é mais do que isso, é, antes de tudo, o lugar de construção de significados e de signos, ou seja, ela é a expressão de um simbolismo do espaço.

Esta visão foi inicialmente apontada por sociólogos, representada pela Escola de Chicago (PARK, 1967) em meados do século XIX foi responsável por estudar um modo de vida urbano que trazia como característica o que eles chamaram de atitude Blasé, que mostra um estilo de vida do cidadão mais distante, individualista e utilitarista. Este é um modo de vida contrário ao modo de vida do campo que é mais próximo, e estabelece mais relações comunitárias. Este foi um marco para a compreensão que a cidade é mais do que um conjunto de praças, ruas e prédios. A cidade é uma estrutura física que passa por um filtro de percepção, interpretação e construção de significado.

A visão social e ambiental não se limita somente ao espaço que circunda o indivíduo, mas a visão de um ambiente enquanto construção simbólica. Partimos da noção de que existe uma conduta territorial, onde o indivíduo constrói a si mesmo como identidade na relação com o espaço, transformando-o e sendo transformado por ele, atribuindo-lhe um significado e deixando a sua marca (POL, 1996). A cidade se expressa na subjetividade dos indivíduos na forma de identificação, de processos de apropriação do espaço (POL, 1996), de identidade social urbana (VALERA & POL, 1994), de memória do lugar (JODELET, 2002) e afetividade (BOMFIM, 2005, 2010; BOMFIM *et al.*, 2014; SAWAIA, 1995, 1999, 2003), sentimentos e emoções que avaliam o bem estar das pessoas e a implicação destas na cidade.

Estes são conceitos trabalhados no LOCUS - Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental – vinculado à Universidade Federal do Ceará, que dão base para as investigações referenciadas na Psicologia Social e Ambiental, pautadas na construção de significados a partir da afetividade. Enfatiza-se a visão transacionalista da Psicologia Ambiental e por parte da Psicologia Social, a perspectiva psicossocial e histórico cultural para compreender a inter-relação entre cidade e subjetividade. As investigações constroem redes de intervenção interdisciplinar com as áreas de Psicologia, Educação, Geografia, Arquitetura e outras áreas de intervenção no ambiente. Quando nos identificamos com os espaços, transformamo-nos em lugares. Segundo Yi-Fu-Tuan (TUAN, YI-FU,

1983) espaço é movimento, enquanto lugar é segurança. Locus significa lugar, uma categoria fundamental de mediação para a construção da subjetividade, quando transforma espaços em lugares. O espaço acadêmico pode ser um lugar quando cria identificações, sentidos e afetos na produção de um conhecimento emancipador e comprometido com a transformação social.

A Psicologia Ambiental como campo interdisciplinar se volta para o estudo das relações bidirecionais pessoa-ambiente (MOSER, 1998). Estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações (e não somente as relações) entre a pessoa e o meio ambiente físico e social. Baseia-se no que chamou Gabriel Moser de níveis ambientais (MOSER, 2002) que podem ser a casa, o bairro, a cidade, ou mesmo o ambiente global e societal como extensão da identidade dos indivíduos. Estes níveis demonstram diferentes graus de identificação do Self. Quanto mais micro social, maior poder de identificação.

A casa como primeiro nível de identificação corresponde ao nível onde há maior relação com o self, ou seja, expressa o que cada um é, desde a forma de como se organiza uma casa até a percepção da segurança dada por ela. Voltar para casa pode significar ter a proteção ou a insegurança de acordo com o contexto vivido. A desapropriação e expulsão da casa e do local de moradia afetam profundamente a saúde mental e física de habitantes sujeitos a este tipo de pressão psicológica. Estudos mostram os efeitos da deslocação em populações periféricas quanto ao aparecimento de queixas difusas e do adoecimento psíquico (SIEBRA; BOMFIM, 2006). Ou mesmo podemos exemplificar os antigos manicômios, onde os sujeitos perdem seus referenciais da casa, de seus objetos e de sua família em um lugar. A despersonalização na institucionalização, conforme apontou Goffman (1974), associa-se ao rompimento dos laços com os lugares, confirmando assim que a saúde mental também vincula-se ao lugar como referência subjetiva.

## **Saúde mental, cidade e ambientes próximos**

Vive-se nas grandes cidades, principalmente as latino-americanas, um grande distanciamento dos ambientes próximos devido à ameaça e ao medo da violência. Ao mesmo tempo em que cresce a intolerância ao diferente. O bairro retrata várias dimensões, que, segundo Serge Varela (1994), corresponde

a um tipo de identidade social urbana, composta das esferas culturais, ideológicas, comportamentais, etc. Quando se fala do bairro, refere-se, também, ao status e ao valor associado. O bairro é uma importante dimensão para a criação de vínculos e de processos de construção de significados. A dimensão bairro e comunidade estão sendo comprometida nas grandes cidades impactando na perda da convivência no espaço público. As antigas cadeiras nas calçadas e o brincar na rua são exemplos de como o lugar propicia qualidade de vida pela possibilidade das relações face a face. Recentes pesquisas do LOCUS mostraram que o reverter vulnerabilidades em alunos de escolas públicas passa por fomentar processos de apropriação do espaço no bairro da escola por intermédio de intervenções que suscitem o contato com a história do bairro e com a natureza. A base para tal intervenção foi conhecer a afetividade dos alunos em relação ao bairro (BOMFIM; FEITOSA & FARIAS 2018).

Estudos sobre os efeitos psicológicos da deslocação forçada da população de um subúrbio de Boston (FRIED, 1963) mostraram o adoecimento psíquico dos moradores ao serem deslocados de suas casas. Foi constatada neste estudo uma tristeza semelhante à perda de um ente querido, chamada de apego ao lugar (GIULIANI, 2004). Assim como existe o apego às pessoas também existe aos lugares. O apego diz respeito à avaliação da qualidade do local ante as necessidades do indivíduo e o sentimento de segurança e orientação que o ambiente suscita.

O caso de Nova Jaguaribara no Ceará confirma os efeitos psicológicos da translocação. A cidade de Jaguaribara foi destruída para a construção de represa e açude para abastecer Fortaleza. Ela sucumbiu e foi construída uma nova Jaguaribara, no alcance de fazê-la o mais semelhante possível à antiga, a exemplo, a réplica da igreja matriz. Mesmo assim, em menos de 5 anos a cidade tornou-se uma cidade fantasma pela dificuldade de apropriação do espaço por seus moradores e um número considerável de doenças apareceram chamadas de queixas difusas (SIEBRA; BOMFIM, 2006). A Universidade Federal do Ceará foi chamada a pesquisar visando a uma solução do problema. Os estudos apontaram que o estresse e as queixas eram consequência dos efeitos da mudança da antiga para a nova Jaguaribara. As entrevistas relatam a falta de um planejamento psicossocial da mudança, bem como a dificuldade de acesso

ao rio para lavar roupa e tomar banho, mostrando a importância do contato com a água como balneabilidade, lazer e trabalho. A mudança na forma de gerenciar a economia e as relações interpessoais trouxeram consequências para a população, gerando sofrimento psíquico. A população ficou dependente do governo para a geração de emprego e renda.

Em outro estudo, Bertini (2014) pesquisou as várias gerações de Jaguaribara depois de 12 anos da construção da cidade. Encontrou diferentes formas de apropriação deste espaço. Ela concluiu que o planejamento do espaço urbano, quando é feito sem levar em conta os afetos ético-políticos, não produz a semelhança e a igualdade entre os moradores, ao mesmo tempo em que gera uma maior passividade dos cidadãos frente às perspectivas de transformações políticas do espaço urbano. A produção dos espaços homogêneos não favorece o comum e torna vazio o sentido da cidade. A deslocação da antiga Jaguaribara para a nova Jaguaribara levou a uma homogeneização e ao adoecimento.

## **Uma visão psicossocial e dialética da qualidade de vida e saúde na cidade**

A apropriação do espaço como forma de criação e de identificação é o contrário da alienação e da passividade. Apropriar-se do espaço é uma forma de transformação e de reconhecimento de si mesmo nos lugares em suas ações. Este processo é congruente com a ideia de Promoção da Saúde já preconizada pela carta Ottawa pela OMS (BRASIL, 1986). Esta pode ser definida como a capacitação das pessoas e comunidades para modificarem os determinantes da saúde em benefício da própria qualidade de vida. O que chama a atenção na carta de Otawa é o protagonismo das pessoas e a necessidade de que sejam “empoderadas”, isto é, desenvolvam a habilidade e o poder de atuar em benefício da própria qualidade de vida, enquanto sujeitos e/ou comunidades ativas. Os processos de identificação e empoderamento na saúde acontecem em um território.

O lugar pode ser, portanto, apropriado ou apropriante (POL, 1996). O primeiro gera identificação enquanto o segundo alienação. O lugar como extensão da identidade pode ser uma das dimensões importantes para adesão

ao tratamento e à prevenção da saúde. Apropriar-se do espaço público é uma forma de diminuição da segregação socioespacial que, por sua vez, impacta na promoção da saúde, visto que esta é vista como uma combinação de ações planejadas do tipo educativo, político, legislativo ou organizacional em apoio aos hábitos de vida e condições favoráveis à saúde dos indivíduos, grupos ou coletividades (GREEN; KREUTER). Pressupõe que a saúde em seu conceito ampliado de qualidade de vida, está associada aos determinantes sociais, e deve necessariamente articular-se aos demais setores, como: educação, trabalho, economia, justiça, meio ambiente, transporte, lazer, produção e consumo de alimentos, além do acesso aos serviços de saúde.

As cidades atuais são responsáveis pelo consumo de três quartos da energia não sustentável mundial e provocam pelo menos três quartos de contaminação total. São lugares de produção e de consumo da maioria dos produtos industriais. As cidades se converteram em parasitas dentro da paisagem, grandes organismos que absorvem energia do planeta para sua manutenção. São consumidoras e agentes de contaminação incansáveis. Viver nas cidades hoje onde a metade da humanidade se concentra e trabalha, ou onde a maioria da população mundial vive, é paradoxalmente, uma luta constante entre teses e antíteses.

Uma cidade sustentável significa: transportes públicos (mobilidade), reciclagem de material (economia solidária e educação ambiental), meio ambiente (respeito a biodiversidade e utilização de recursos renováveis), saúde, lazer, esporte, cultura e preservação do patrimônio histórico, bem-estar da população, relações afetivas de vizinhança, etc.

A meta da promoção da saúde dentro da Constituição Brasileira (BRASIL, 1988), e a legislação pertinente ao Sistema Único de Saúde, Lei Nº 8080 de 19/9/1990, (BRASIL, 1990) objetiva atingir a intersetorialidade, mobilização social e de parcerias na implementação das ações, sustentabilidade e defesa pública da saúde. Sua meta é qualidade de vida e seus princípios norteadores são equidade, a paz e a justiça social.

A Promoção da Saúde, segundo a Carta de Ottawa, contempla 5 amplos campos de ação: implementação de políticas públicas saudáveis, criação de ambientes saudáveis, capacitação da comunidade, desenvolvimento de habilidades individuais e coletivas e reorientação de serviços de saúde. A especificidade

da Promoção da Saúde repousa, pois, neste somatório de diversas atividades práticas para a realização dos objetivos de melhor saúde e qualidade de vida para todos (PEREIRA LIMA, RIBEIRO CAMPOS, L'ABBATE & PELICIONI, 2000). É importante ressaltar o eixo político da promoção da saúde, entendendo-a como uma política de saúde e um campo da saúde pública.

As soluções ecológicas e sociais se retroalimentam para construir sociedades mais saudáveis, vivas e abertas. A sustentabilidade na cidade significa uma vida melhor para as gerações futuras. Esta visão de sustentabilidade cunhada pela ONU foi importante para repensarmos o estilo de vida humano e a constatação de que o ritmo de destruição levado pela humanidade segue culminando com a destruição do planeta. Vários planetas não dariam conta deste ritmo de destruição. Porém, o conceito de sustentabilidade precisa ser ampliado para a emergência de novos paradigmas que fomentem a cooperação, a afetividade e a vida como centro, a exemplo o paradigma Biocêntrico (FERREIRA; BOMFIM, 2010).

Uma das questões atualmente discutidas nos debates da sustentabilidade é como conciliar o desenvolvimento econômico com a devida integração entre o ser humano e a natureza. A sustentabilidade precisa levar em consideração os fatores sociais, ecológicos, assim como os econômicos; recursos vivos e não vivos; as vantagens e desvantagens de ações, alternativas a longo e curto prazo (STAKE, 1991). O grande desafio é diminuir a dicotomia com homem e natureza. Os prédios modificam a radiação solar e a circulação do ar. O asfalto dificulta a absorção da água diferentemente de um bosque. A cidade aquece principalmente pelos gases emitidos pelos carros, indústrias, aquecedores, incêndios florestais e outras catástrofes naturais.

Neste sentido, Richard Rogers (2000) propõe o modelo da cidade compacta como um caminho para a auto sustentabilidade. Este modelo significa recuperar a cidade como habitat ideal de uma sociedade baseada na comunidade. Ademais, trata-se de um tipo de estrutura urbana que pode responder a uma variedade cultural. A cidade deveria responder, antes de tudo, às pessoas que moram nela, à comunicação e ao fomento de atividades humanas, expressando sua própria cultura. Quer seja em climas temperados ou extremos, em sociedades ricas ou pobres, a meta do desenvolvimento sustentável consiste

em idealizar uma estrutura flexível que seja possível uma comunidade sólida em um entorno saudável e sem contaminação.

A cidade compacta não vê somente o índice de prosperidade baseado em critérios econômicos, políticos e sociais. Richard Rogers (2000) aponta caminhos para serem adotados nas cidades rumo ao planejamento urbano que privilegie a sustentabilidade em termos de eficiência energética ao mesmo tempo em que diminua as vulnerabilidades sociais: espaços multiuso criativos; tudo no mesmo bairro; retorno à habitação do centro; emprego mais perto de casa; investimento em corredores verdes; incentivo ao transporte que usa energia limpa e renovável e fortalecimento dos laços comunitários.

### **A afetividade, emancipação e mapas afetivos na cidade: Potência de ação (Conatus) e potência de padecimento (sofrimento psíquico)**

A Psicologia Ambiental e a Psicologia Social compreendem a cidade a partir de uma organização cognitiva e afetiva tendo como referência um conjunto de imagens mentais. O desafio para um processo de emancipação na cidade reside em pensar estas dimensões sem dicotomia, principalmente compreender a afetividade, sentimentos e emoções, em uma perspectiva histórico-cultural, como uma base para o pensar e o agir (VYGOTSKY, 1998). O ambiente é um território emocional (CORRALIZA, 1998), por isso estudar a afetividade como uma categoria ético-política orientadora do encontro do indivíduo com a cidade, não é negar a cognição nem a racionalidade, mas acessar dimensões da realidade cotidiana que comporão uma nova racionalidade, a ético-afetiva (SAWAIA, 1995),

A afetividade na cidade pode ser compreendida pela implicação do habitante com ela. A forma como o habitante se implica na cidade já é um indicador de sua ação. A ética aparece na cidade quando a convivência igualitária com o diferente torna a cidade um lugar de encontro. Por isto, a afetividade é um indicador de ética e cidadania na cidade. “O sentido da ação e transformação na cidade, pelo cidadão, depende do desenvolvimento de ações potencializadoras, em que a afetividade pode ser um grande eixo integrador”

(BOMFIM, 2010: 64). A participação comunitária é um exemplo de como os afetos se relacionam com esta implicação.

Sawaia define a afetividade como: “O tom e a cor emocional que impregna a existência humana e que se apresenta como: 1) Sensação: reações moderadas de prazer e desprazer, que não faz referencia a objetos específicos, 2) A emoção, fenômeno afetivo intenso, breve e centrado nos fenômenos que interrompem o fluxo normal da conduta” (SAWAIA, 1999: 98).

Um caminho para o acesso à afetividade é feito pelos mapas afetivos “uma forma de articulação de sentidos movidos pelos afetos: “revela o conhecimento, orientação e ética na cidade, pelos sentimentos dos habitantes e que facilita a superação das dualidades: subjetividade/objetividade, individual/coletivo e cognição/afeto” (BOMFIM, p.223). Desta forma, as imagens da cidade e ambientes são acessadas com objetivo de conhecer como os habitantes pensam e sentem as cidades.

O Instrumento que gera o mapa afetivo da cidade, denominado de IGMA, Instrumento Gerador do Mapa Afetivo (BOMFIM ET ALL, 2013) é composto de desenhos e metáforas como recursos imagéticos. O desenho como deflagrador de emoções e sentimentos, as metáforas como recurso de síntese e a escrita como expressão da dimensão afetiva (subtexto).

Os sentimentos e as emoções levantadas pelos mapas afetivos na cidade geram agradabilidade, pertencimento, insegurança, destruição e contrastes (BOMFIM, 2010). Estes por sua vez compõem a estima de lugar. Assim, como as pessoas são estimadas, os lugares, a exemplo da cidade, podem ser estimados ou não por seus habitantes. Sentimentos agradáveis e de pertencimento geram uma estima potencializadora, o que permite o desenvolvimento de relações comunitárias e o sentimento de bem-estar. As imagens de destruição e insegurança geram sentimentos despotencializadores que não promovem a implicação do indivíduo no lugar. E a imagem de contrastes pode ser potencializadora e/ou despotencializadora, a depender dos enfoques dados em outras respostas do Instrumento. Para que as pessoas se impliquem e participem, elas precisam sentir que o lugar é uma extensão de sua identidade, ou seja, desenvolvam sentimentos de pertencimento, de identificação e de potência de ação.

A estima de lugar constitui-se como uma categoria social, que está na imbricação dos estudos da Psicologia Social e da Psicologia Ambiental, que acessa as necessidades de seus habitantes e, por intermédio do conhecimento dos afetos na cidade, avalia as potencialidades e vulnerabilidades apresentadas na relação pessoa-ambiente. Este conhecimento dos afetos dos habitantes com a cidade ou bairro é uma forma também de buscar caminhos para a sustentabilidade, para a promoção da saúde pautada na humanização e na vida no planeta. A pesquisa com jovens universitários na cidade de Fortaleza mostra como a estima de lugar pode avaliar processos de saúde e de adoecimento psíquico a partir do espaço urbano.

Partindo dos referenciais da Psicologia Social histórico cultural e da Psicologia Ambiental de base transacional, a recente pesquisa de Sousa (2016), desenvolvida no Laboratório de Psicologia Ambiental (LOCUS – UFC), analisou o fenômeno do suicídio pela ótica dos processos sociais e ambientais, a partir do olhar sobre a afetividade com relação à cidade e à qualidade da vida urbana.

A Psicologia Social a qual nos referimos tem como grandes representantes brasileiras Sílvia Lane e Bader Sawaia (2002). Estas nos deixam à vontade para elaborarmos uma produção científica em sintonia com as nossas problemáticas, a exemplo da preocupação com o sofrimento psíquico da população jovem, que desembocam em comportamentos psicopatológicos e autodestrutivos, sendo, atualmente, o público que mais cresce, em termos proporcionais, nos índices de suicídio no Brasil (WAISELFISZ 2014).

Com base na Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002), o suicídio é explicado enquanto violência autoinfligida e um ato decidido, conduzido desde o início por uma pessoa que apresente conhecimento sobre o resultado final irreversível. Ainda que consideremos tal definição, Berenchtein (2013) nos lembra que não estamos concebendo um suicídio em qualquer momento histórico, mas um específico, na sociedade capitalista.

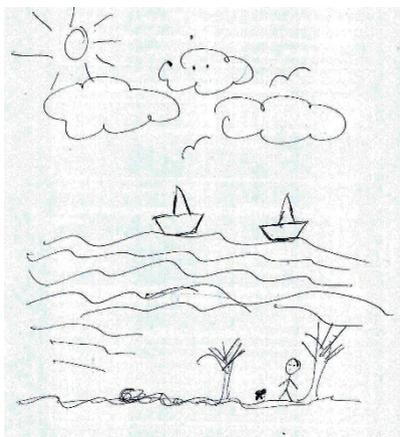
Sabemos, portanto, que se constitui de um fenômeno multifatorial, que se estabelece enquanto resultado final de um doloroso processo, o qual nos exige, cada vez mais, a ampliação do olhar sobre os sofrimentos psíquicos que lhes são anteriores, mas que se agravam e desembocam em resultados extremos.

Lembrando que nossos estudos sobre afetividade se embasam epistemologicamente em Spinoza (1983), este autor nos traz que [...] “aqueles que se suicidam são impotentes de espírito e completamente subjugados por causas externas, em oposição à sua natureza” (p. 242). Para ele, o fundamento do conatus é a sociabilidade e se realiza no encontro com o outro. São os bons encontros descritos por Spinoza que aumentam a capacidade de perseverar no próprio ser, buscar autonomia e não se submeter à servidão.

É também a partir da perspectiva espinosana que Bertini (2015) nos traz a reflexão da cidade como um lugar da vida coletiva para a alegria (autonomia) ou tristeza (servidão), configurando-se como um conjunto ordenado de instituições e de leis que dão base à organização social e política.

Desse modo, sentir-se integrante da cidade, no direito de usufruir de seus espaços e de participar conjuntamente das decisões sobre os seus rumos são reflexos de que o cidadão está sendo movido pela expansão da vida e liberdade. Noutro caso, quando a ação é limitada ao seguimento de obrigações civis ou obediência das imposições governamentais em virtude de um planejamento técnico ou estético, é mais provável que os cidadãos experimentem afetos passivos e tristes (BERTINI, 2015).

No alcance de compreender a estima de lugar na cidade e as interfaces do modo de vida urbano com os sofrimentos psíquicos, Sousa (2016) aplicou o Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos com jovens de 18 a 29 anos, moradores da cidade de Fortaleza. O resultado final foi analisado a partir dos instrumentos de 13 participantes do sexo feminino e 12 do sexo masculino, predominantemente estudantes universitários, com moradia variada entre 21 bairros da cidade. Os resultados referentes à análise qualitativa do IGM apontaram: Agradabilidade (1), Pertencimento (1), Destruição (6), Insegurança (0) e Contraste (17). Segue alguns desenhos como resultados da pesquisa que representam estas imagens, respectivamente, seguidos da elaboração do Mapa Afetivo enquanto síntese da análise proposta.

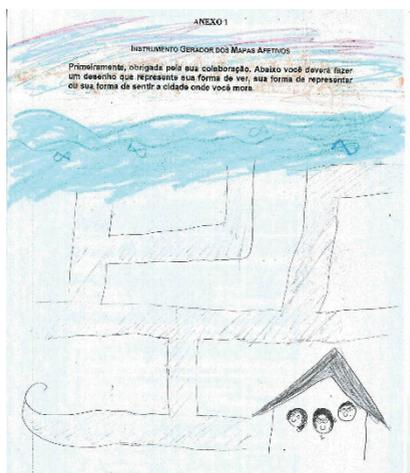
**Figura 1:** Desenho do IGMA - Participante 21.

**Fonte:** elaborado pela participante.

**Quadro 1:** IGMA – Participante 21.

<b>Identificação</b>	Suj: 21 Sexo: F Idade: 22 anos Ocupação: Cantora Bairro: Praia de Iracema Locomoção: Táxi, moto.
<b>Estrutura</b>	Metafórica
<b>Significado</b>	“Tentei desenhar o mar, a jangada e eu na beira da praia. Por ser uma cidade litorânea, amo Fortaleza. Desde sempre fui à praia e amo estar na praia, principalmente com meu cachorro.”
<b>Qualidade</b>	Tranquila, legal, pessoas acolhedoras e brincalhonas.
<b>Sentimento</b>	Tranquilidade, reflexão, bondade, admiração, consideração, serenidade.
<b>Metáfora</b>	“Fortaleza é tipo Califórnia, mas não com tanta diversidade. É tipo Miami, mas não com tanto glamour.”
<b>Sentido</b>	A cidade “Califórnia/Miami” é aquela em que sua <b>agradabilidade</b> se expressa na vivência de uma cidade litorânea e no amor pela praia, parecida com as cidades americanas, porém sem tanta diversidade e glamour. Caracteriza-se pela tranquilidade, presença de pessoas acolhedoras e brincalhonas, despertando sentimentos de bondade, admiração, consideração e serenidade.

**Fonte:** elaboração de Sousa (2016) a partir de Bomfim (2010).

**Figura 2:** Desenho do IGMA - Participante 23.

**Fonte:** elaborado pela participante.

**Quadro 2:** IGMA – Participante 23.

<b>Identificação</b>	Suj: 23 Sexo: F Idade: 21 anos Ocupação: Fotógrafa Bairro: Antônio Bezerra Locomoção: Ônibus.
<b>Estrutura</b>	Metáforica
<b>Significado</b>	“Família (pai e mãe), num espaço que mesmo distante é fácil de chegar ao mar e ver o entardecer mais bonito do mundo (tons de laranja e rosa).”
<b>Qualidade</b>	Segura, fraterna, simples, plana, próxima ao mar, gente simpática e acolhedora.
<b>Sentimento</b>	Liberdade, segurança familiar, afetos.
<b>Metáfora</b>	“Um ônibus. Cheio de gente que vai e vem, mas que sempre pega a mesma linha (...)”
<b>Sentido</b>	A cidade “ônibus, cheio de gente que vai e vem, mas que sempre pega a mesma linha (...)” é aquela em sua imagem de <b>pertencimento</b> mostra a convivência, a segurança familiar, a facilidade de chegar ao mar e ver o entardecer mais bonito do mundo, além de provocar sentimentos de simplicidade, simpatia, acolhimento e liberdade.

**Fonte:** elaboração de Sousa (2016) a partir de Bomfim (2010).

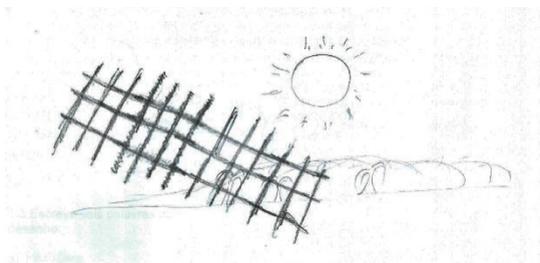
**Figura 3:** Desenho do IGMA – Participante 13.

**Fonte:** elaborado pelo participante.

**Quadro 3:** IGMA – Participante 13.

<b>Identificação</b>	Suj: 13 Sexo: M Idade: 19 anos Ocupação: Estudante universitário Bairro: Pici Locomoção: Ônibus e à pé
<b>Estrutura</b>	Metafórica
<b>Significado</b>	“Em primeiro plano, tentei enquadrar os edifícios como forma de representar sua supremacia ante a natureza. Em plano de fundo, fiz uma “serra”, não muito detalhada justamente para que enfatize-se ainda mais a idéia “incolor” que me passa a cidade.”
<b>Qualidade</b>	Negativa, repressiva, caótica, material.
<b>Sentimento</b>	Inquietude, pressa, desânimo.
<b>Metáfora</b>	Um hospício, sanatório, ao inferno.
<b>Sentido</b>	A cidade “hospício” é aquela em que sua <b>destruição</b> está evidente na negatividade, na pressa e no caos que a cidade transmite, enfatizada na supremacia dos edifícios ante a natureza, predominando os sentimentos de inquietude e desânimo.

**Fonte:** elaboração própria a partir de Bomfim (2010).

**Figura 4:** Desenho do IGMA – Participante 7.

**Fonte:** elaborado pelo participante

**Quadro 4:** IGMA – Participante 7.

<b>Identificação</b>	Suj: 7 Sexo: M Idade: 28 anos Ocupação: Estudante de pós-graduação Bairro: Carlito Pamplona Locomoção: Ônibus
<b>Estrutura</b>	Metafórica
<b>Significado</b>	“Uma cidade que apesar das belezas tanto naturais como àquelas criadas pelo homem estão mantidas de certa forma longe da população pela violência.”
<b>Qualidade</b>	Violenta, boa, insegura.
<b>Sentimento</b>	Tristeza, alegria, tranquilidade, tensão, medo, preocupação, solidão, pressa, perda, dor, frieza, liberdade, prisão, insegurança.
<b>Metáfora</b>	Prisão. Você tem aquele horário do banho de sol e depois é preso de novo.
<b>Sentido</b>	A cidade “prisão” revela-se pela imagem do <b>contraste</b> , pois assim como um presidiário que tem aquele horário de banho de sol e depois é preso, assim também a cidade é boa, violenta e insegura, proporcionando a seus habitantes a pressa e os sentimentos de perda, medo, dor, frieza, tensão, solidão e liberdade.

**Fonte:** elaboração própria a partir de Bomfim (2010).

A insegurança da cidade de Fortaleza apareceu principalmente na imagem de contrastes. A imagem de contraste é revelada por meio de sentimentos e qualidades ambíguas, com a polarização entre experiências positivas e negativas, evocando características que podem remeter à agradabilidade, ao pertencimento, à insegurança e à destruição. Embora não tenhamos considerado instrumento algum com predominância da imagem de insegurança, é valioso ressaltar que dos 25 mapas afetivos dos jovens, 13 deles referiram-se à Fortaleza com características do tipo: “perigosa, violenta, em risco” e/ou sentimentos como: “medo, insegurança, preocupação, inquietude”. É certo que esta categoria não diz respeito apenas à experiência da violência urbana, mas também aos elementos que denotam instabilidade, devido à imprevisibilidade das circunstâncias (BOMFIM, 2010).

Durante as aplicações e análises, observamos a capacidade de reconhecimento e discussão tanto das fragilidades da cidade, como de suas potencialidades, ainda que perpassada pela experiência singular de cada indivíduo, dado o número tão expressivo de questionários com uma imagem contrastante da cidade.

Entre os 17 jovens respondentes em que observamos esta imagem, 12 deles inferem um contraste potencializador, ou seja, ainda que demonstrem a lucidez de atentar às características que fazem referência à insegurança e/ou à destruição, prevalecem qualidades e sentimentos de amor, admiração, apego ou esperança de melhores condições de vida na cidade.

Por outro lado, 5 deles apontam para um contraste despotencializador, de forma que reconhecem aspectos da agradabilidade e/ou do pertencimento, mas é mais forte a experiência de apatia, inércia, desânimo ou desesperança no enfrentamento das dificuldades.

Tais experiências também estiveram presentes nos 6 respondentes em que prevaleceu a imagem de destruição, sendo que, nesta imagem, não há o reconhecimento de aspectos positivos da cidade, ou seja, trata-se de qualidades, sentimentos e percepções absolutamente negativas.

Já que objetivamos investigar os afetos que são gerados na relação com a cidade, é válido considerar que qualidades como: “ruim, angustiante, abandonada, carente, desigual, estressante, sacrificante, etc.”, bem como sentimentos

que expressam: “tristeza, ansiedade, angústia, sofrimento, humilhação, insatisfação, etc.”, refletem um adoecimento social que evidencia nossa preocupação.

A relação entre a categoria estima de lugar e outras dimensões da subjetividade como a autoestima, auto eficácia e perspectiva de futuro foram encontradas em pesquisa com alunos de escolas públicas em Fortaleza, onde a estima de lugar correlacionou-se positiva e significativamente com estas (BOMFIM *et al.*, 2013). Estes resultados corroboram a relação de uma Psicologia Ambiental que situa o ambiente como parte constitutiva da subjetividade dos indivíduos, haja vista que os processos de identificação, apropriação, apego e afetividade com o lugar, não estão desvinculados.

É oportuno, também, recorrermos à Spinoza (1983) para compreender os afetos que são frutos dos bons ou maus encontros que temos diariamente a partir das afecções entre os corpos. Conforme já explicitamos anteriormente, os bons encontros geram alegria, aumentando a nossa capacidade de agir e pensar, buscar autonomia, não se submeter à servidão e fortalecer a perseverança no próprio ser – o *conatus*. Enquanto a tristeza é desencadeada pelos maus encontros, reduzindo a nossa capacidade de agir e pensar.

Os sentimentos e as qualidades que formam a imagem de destruição, ao demonstrarem tristeza e outros afetos despotencializadores, expõem a falta de vinculação, de comprometimento e de energia para agir em prol do ambiente. Os indivíduos apenas reagem às circunstâncias que lhes são impostas diante das obrigações de cumprir tarefas de estudo ou trabalho, onde a relação com a cidade torna-se utilitária e constantemente frustrada.

Consideramos, pois, a tentativa de afastamento e destruição do que nos gera tristeza, assim como de conservação e presentificação do que nos gera alegria (SPINOZA, 1983). Isso pode ser observado também nos mapas afetivos onde foram encontradas as imagens de agradabilidade e de pertencimento.

Apesar de suas particularidades, onde o primeiro é focado nas qualidades positivas, na admiração das belezas e oportunidades de crescimento, enquanto o pertencimento reporta-se mais fortemente à vinculação com o lugar, ambos despertam afetos potencializadores. A partir de uma leitura que valoriza o lugar e o assume como parte da sua história, gera-se, naturalmente, uma vontade de estar nesse lugar.

Desse modo, a estima de lugar potencializadora é formada por sentimentos que indicam identificação e apropriação do sujeito com o ambiente, em uma relação na qual são promovidos afetos que potencializam a ação da pessoa. Podemos falar, inclusive, que os bons encontros que despertam alegria na relação com o ambiente são importantes para fomentar a criatividade em indivíduos mais comprometidos com a coletividade, abrindo caminhos para a mobilização social.

## **Cidades, espaços e produção de saúde: vivências na dimensão psicossocial**

Este artigo trouxe uma reflexão sobre a inter-relação entre cidade e afetividade na perspectiva psicossocial e histórico cultural para a compreensão da promoção da saúde a partir de três dimensões: a construção de significados, a sustentabilidade e o sofrimento psíquico. Para isto fizemos uma trajetória de argumentação que apresenta conceitos da psicologia social e ambiental que mostram a inter-relação pessoa ambiente considerando a cidade como construção sócio física e simbólica. Esta trajetória mostrou que o conceito de saúde pode ser ampliado para o espaço urbano e que este pode ser tanto produtor de bem estar como de sofrimento psíquico. Neste sentido o texto traz uma reflexão sobre qualidade de vida a partir dos pressupostos da promoção da saúde, segundo a Carta de Ottawa, agregando eixos orientadores para a implementação de políticas públicas saudáveis no espaço urbano. Pesquisas desenvolvidas pelo no laboratório de pesquisa em psicologia ambiental (LOCUS-UFC) foram apresentadas apontando indicadores afetivos de processos de produção de saúde em ambiente urbano a partir da percepção de seus habitantes.

Conhecer a estima de lugar do habitante jovem universitário de diversos bairros de Fortaleza pelos mapas afetivos propiciou a compreensão das interfaces do modo de vida urbano com os sofrimentos psíquicos desta faixa etária que envolve muito mais sentimentos contrastantes e de destruição do que de agradabilidade e de pertencimento, qualificando a estima de lugar destes jovens muito mais despoticizadora do que potencializadora.

A potência de padecimento do jovem morador de Fortaleza se sobre põe a potência de ação na angustia de conviver em uma cidade “Califórnia/

Miami”, parecida com as cidades americanas e, ao mesmo tempo, os sentimentos de *contraste* e de *destruição* da cidade “Prisão”, ao lidar cotidianamente com sentimentos de tristeza, tensão, medo, preocupação, solidão, pressa, perda, dor, frieza, e insegurança. Este resultados compreendidos a luz da teoria de Espinoza apontam a fragilidade dos bons encontros na cidade de Fortaleza, aqueles que geram alegria e que aumentam a capacidade de agir, pensar e fortalecer o *conatus*. Enquanto a tristeza desencadeada pelos maus encontros e que reduz a capacidade de agir e de pensar gerando sofrimento psíquico tende a ser maior no jovem entrevistado.

Estes resultados podem orientar políticas públicas urbanas em se possa investir mais em intervenções urbanísticas reabilitadoras e de novas funcionalidades do espaço público da cidade, como áreas verdes e lazer, além da possibilidade de propiciar uma maior convivência intergeracional e democrática como medida de promoção da saúde e de prevenção ao sofrimento psíquico e ao suicídio.

## Referências

- BERENCHTEIN, N. *O Suicídio e os Desafios para a Psicologia* / Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2013.
- BERTINI, F. M. A. *Do Corpo Igual Vazio ao Corpo Semelhante Útil: análise dos afetos em uma cidade planejada na perspectiva da Filosofia de Espinoza em diálogo com a Psicologia Social*. Tese de Doutorado. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.
- BERTINI, F. M. A. Afetos em Espinoza e a cidade como civitas. *Revista Conatus – Filosofia de Spinoza – Vol. 9 – N18*. Dezembro, 2015.
- BOMFIM, Z. A. C.; POL, Enric. U. Affective Dimension of Cognitive Maps of Barcelona And São Paulo. IN: GARCÍA-MIRA, Ricardo; REAL DEUS, J. Eulogio. *International Journal of Psychology*. Número especial: Environmental Perception, and Cognitive Maps:2005.,40(1), 37-50
- BOMFIM, Z. A. C. *Cidade e Afetividade: Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BOMFIM, Z. A. C.; ALENCAR, H. F.; SANTOS, S.W.; SILVEIRA, S. S. Estima de lugar e indicadores afetivos: Aportes da psicologia ambiental e social para a compreensão da vulnerabilidade social juvenil em Fortaleza. In: COLAÇO, Veriana de Fátima Rodrigues; CORDEIRO, Andréa Carla Filgueiras. (Org.). *Adolescência e Juventude: conhecer para proteger*. 1ed.São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013, v. 1, p. 317-341.

BOMFIM, Z. A. C. *et al.* Affective maps: validating a dialogue between qualitative and quantitative methods. In: MIRA, Ricardo. G.; DUMITRU, Adina. (Editors). *Urban Sustainability: Innovative spaces, vulnerabilities and opportunities*. 1. ed. Espanha: Deputación Provincial de A Coruña; Institute of Psychosocial Studies and Research "Xoan Vicente Viqueira", 2014. p. 131-148

BOMFIM, Z. A. C. Cruz; FEITOSA, M. Z. S.; FARIAS, N. F.; Afetividade e lugar como categorias de mediação no Laboratório de Pesquisa em Psicologia ambiental. In: LIMA, A. L.; GERMANO, I. M. P.; SABOIA, I. B.; FREIRE, J. C. *Sujeito e subjetividades Contemporâneas. Estudos do Programa de Pós-graduação em psicologia da UFC*. Fortaleza: edições UFC, 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde, 8ª Conferência Nacional de Saúde. In *Anais da 8ª Conferência Nacional de Saúde*. Brasília: MS, 1986.

BRASIL, LEI n. 8080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção, recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providencias. Diário oficial da União. Brasília, DF, 20 de setembro de 1990.

CALVINO, I. C. *Las Ciudades Invisibles*. Madrid: Siruela, 2000.

CORRALIZA, J. A. *Emoción y Ambiente*. In: ARAGONÉS, Jose, I.; AMÉRIGO, Maria. *Psicologia Ambiental*. Madrid: Ediciones Pirâmide S. A., 1998.

FERREIRA, F.; BOMFIM, Z. A. C.; *Sustentabilidade Ambiental: visão antropocêntrica ou biocêntrica? Ambientalmente sustentable*, v. 1, p. 37-51, 2010.

FRIED, M. (1963). *Grieving for a lost home*. In L. J. Duhl (Ed.), *The urban condition: People and policy in the metropolis* (pp. 124–152). New York: Simon & Schuster.

GIULIANI, M. V. *O Lugar do Apego Nas Relações Pessoas-ambiente* (2004).

GOFFMAN, E. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MOSER, G. Psicologia Ambiental. Estudos de Psicologia. Universidade René Descartes-Paris V, 3(1), 121-130. 1998.

MOSER, G. Psicologia Ambiental no novo milênio: integrando a dinâmica cultural e a dimensão temporal. In: TASSARA, E. (org.). Panoramas Interdisciplinares: para uma Psicologia Ambiental do Urbano. São Paulo: EDUC, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. A carta de Ottawa para Promoção da Saúde. In: Organización Panamericana de La Salud. Promoción de la salud: uma analogia. Publicación científica n. 557. Washigton D. C. EUA. OPS, 1996.

JODELET, D. A cidade e a Memória In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, C. R.; RHEINGHANTZ, P. A. Projeto do Lugar. Colaboração entre a Psicologia, Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / PROARQ, 2002

PARK, R. E. A cidade. Sugestões para a Investigação do Comportamento o meio Urbano . IN: VELHO, Gilberto Cardoso Alves (Org). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro. Zahar, 1967.

PEREIRA LIMA VLG, RIBEIRO CAMPOS N, L'ABBATE S & PELICIONI MCF 2000. Health promotion, health education and social communication on health: specificities, interfaces and intersections. *Promotion & Education: International Journal of Health Promotion and Education VII* (4): 8-12.

POL, E. La Apropiación del Espacio. In IÑIGUEZ, L.; POL, E. (coord.). Cognición, representación y Apropiación del Espacio. Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona, Monografies Psico/Sócio/Ambientais, V. 9, 1996.

ROGERS, R. *Ciudades para um pequeno Planeta*. Barcelona. Gustavo Gil, 2000.

SAWAIA, B. B. O Calor do Lugar, Segregação Urbana e Identidade. São Paulo em Perspectiva: Questões Urbanas, Os sentidos das Mudanças. São Paulo: Volume 9 / 2 / ABR-JUN/ 20-24, 1995.

SAWAIA, B.B. O Sofrimento Ético Político como Categoria de Análise da dialética Exclusão/Inclusão. In: As Artimanhas da Exclusão. Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social. Petrópolis: Vozes, 1999.

SAWAIA. B. B. A Psicologia Social Laneana, conhecida fora do país como “Escola de São Paulo”. In: SAWAIA, B. B. Sílvia Lane. Rio de Janeiro: Imago, 2002. p. 37-81.

SAWAIA, B. B. Fome de felicidade e liberdade. In: CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA – CENPEC. Muitos lugares para aprender. São Paulo: CENPEC, 2003. p. 53-63.

SIEBRA, L. M. G.; BOMFIM, Z. A. C. EL proceso de Translado de una Ciudad. In: IX Congreso de Psicología Ambiental, 2006, Madrid. Medio Ambiente ,Bienestar Humano y Responsabilidad Ecológica. Madrid: UAM, 2006. v. 1. p. 259-262.

SPINOZA, B. Ética: demonstrada a maneira dos geômetras. In: CHAUI, M. (org.) 3 ed. São Paulo; Abril Cultural, 1983.

SPINOZA, B. Ética: demonstrada à maneira dos geômetras. São Paulo, SP: Martin Claret, 2005. (Coleção A obra-prima de cada autor).

STAKE, R.E. (2000). Case studies. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (orgs). *Handbook of qualitative research*. 2nd. ed. Thousand Oaks: Sage

TUAN, Y. Espaço e lugar. A perspectiva da experiência. São Paulo. Difel, 1983.

VALERA, S.; POL, Enric. El Concepto de Identidad Social Urbana: una aproximación entre la Psicología Social y la Psicología Ambiental. Anuário de Psicologia: Barcelona, n.62, 5-24. 1994.

VIGOTSKI. L. S. La imaginación y el Arte en la Infancia. Ensaio Psicológico. Madri: Akal, 1990.

WAISELFISZ, J. J. *Mapa da Violência 2014 – Os Jovens do Brasil*. FLACSO Brasil, Rio de Janeiro, 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO) Multisite Intervention Study on Suicidal Behaviours SUPRE-MISS: Protocol of SUPRE-MISS. WHO, Geneva, 2002.

**Recebido:** 31/07/2017

**Aceito:** 30/02/2018